



Adolescentes que Trabalham em Projetos Sociais: bem-estar subjetivo e estratégias de coping

Em 1990, 11,6% da força trabalhista no Brasil era formada por jovens abaixo de 17 anos (Minayo-Gomez & Meirelles, 1997). Em 1996, o percentual de 24% de trabalhadores adolescentes (Neto & Moreira, 1998) não deixa dúvidas que a exploração da mão-de-obra juvenil constitui um componente estrutural da economia brasileira, e não uma atividade de férias, como ocorre em países como os EUA (Stone & Mortimer, 1998). Apesar de ser citado como fonte de estresse (Minayo-Gomez & Meirelles, 1997), a simples proibição do trabalho para adolescentes não ameniza os problemas. No Brasil, jovens desempregados apresentam menores níveis de saúde e auto-estima que aqueles empregados ou somente estudantes (Sarriera, 1993). Bonamigo (1996) destaca que, embora o trabalho juvenil seja, muitas vezes, prejudicial, é ele que fornece aos sujeitos o reconhecimento como agentes produtivos. Tal dado leva-nos a refletir sobre a impossibilidade de impedir que os adolescentes trabalhem. Buscando soluções para estas questões, aspectos legais têm sido reexaminados, especialmente na última década.



A partir do Estatuto da Criança e do Adolescente (1990) passou-se a admitir uma modalidade de trabalho chamada trabalho-educativo, no qual as exigências pedagógicas prevalecem sobre a questão produtiva. Esse, deve integrar um projeto social objetivando preparar o jovem para lidar melhor com os problemas, especialmente aqueles decorrentes da atividade profissional, e oportunizar que ele sinta-se mais feliz. A fim de avaliar esses aspectos em adolescentes participantes de projetos de trabalho-educativo, foi realizado o presente estudo. A forma como os adolescentes lidam com situações estressantes foi estudada a partir das estratégias de coping (Lazarus & Folkman, 1984) e a felicidade foi estudada a partir do bem-estar subjetivo (Diener, 1984). Foram participantes 58 adolescentes (14 a 17 anos), com renda familiar de até três salários mínimos, integrantes de um projeto social há, no mínimo, 3 meses. Os instrumentos utilizados foram um questionário de dados demográficos, a escala Multidimensional de Satisfação de Vida (Giacomoni & Hutz, 2001), as Escalas PANAS de afeto (Watson, Clark & Tellegen, 1988), a Escala de Eventos de Vida Estressores na Adolescência (Ferlin, Lima, Alchieri & Kristensen, 2000) e a entrevista sobre Estratégias de Coping no Contexto Trabalho (Dell’Aglia, 2000). Os resultados indicam que 67,2% dos adolescentes referem ser bastante ou muitíssimo felizes na escala global, 50% referem estarem bastante ou muitíssimo satisfeitos consigo mesmos. Tais dados corroboram os achados da literatura que referem bons níveis de bem-estar em adolescentes (Diener, 1996), ao mesmo tempo que sugerem que o trabalho na adolescência, no regime educativo, não prejudica o bem-estar dos jovens, contrariando os dados de Kail & Wicks-Nelson (1993). Os dados relativos ao trabalho demonstram que 56,9% dos jovens em regime de trabalho educativo sentem-se satisfeitos com seu trabalho, sendo que o item de menor satisfação é a remuneração. Em relação às estratégias de coping, as estratégias mais utilizadas foram busca de apoio social e modificação do estressor, indicando que possivelmente o projeto social tem servido como fator protetivo para estes jovens.

Adriane Xavier Arteché; Denise Ruschel Bandeira.

Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS.